



V Seminário Internacional de História e Educação

Formação Docente, Currículo e
Desigualdades em Perspectiva Histórica.

A FUNDAÇÃO ASSISTENCIAL E EDUCACIONAL BETEL EM CRUZEIRO DO SUL: O AMPARO A INFÂNCIA EM RISCO

Antonio Cleonaldo Bento da Silva¹

Maria Irinilda da Silva Bezerra²

Resumo: O presente artigo é parte de dissertação de mestrado, desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Ensino de Humanidades e Linguagens. E teve como *locus*, uma instituição de assistência à infância localizada no município de Cruzeiro do Sul-Ac. O estudo teve como objetivo analisar como estava organizada a rotina de assistência à infância na Fundação Assistencial e Educacional Betel. Em relação aos procedimentos técnicos, foi realizada pesquisa bibliográfica, documental e de campo. Para a pesquisa documental, selecionamos o Projeto Político Pedagógico da instituição participante da pesquisa. Na pesquisa de campo, foi aplicada entrevista semiestruturada. Os participantes foram a coordenadora pedagógica e uma interna da instituição. Os dados coletados na pesquisa documental foram analisados à luz do referencial teórico e os dados da entrevista, com base na análise de conteúdo. Utilizamos como autores: Irene Rizzini (2004), Marcílio (2019), Rizzini; Pilotti (2011), Ramos (2015), entre outros. Como resultados, concluímos que a rotina dos internos da Fundação Assistencial e Educacional Betel é composta por regras e horários que devem ser seguidos por todos os seus membros. Apesar dos horários e atividades pré-definidas, a instituição busca flexibilizá-las para atender as demandas dos internos.

Palavras-chave: Assistência; Infância; Instituição.

INTRODUÇÃO

A assistência à infância no Brasil tem raízes históricas marcadas pela exclusão, pela negligência e por formas precárias de acolhimento. Desde o período colonial, crianças eram trazidas de Portugal em condições desumanas, muitas delas vítimas de abusos e violências durante as travessias marítimas. Algumas vinham como órfãs do rei, outras acompanhadas dos pais, mas todas enfrentavam grandes riscos e vulnerabilidades. Ao chegarem à Colônia, muitas eram exploradas, prostituídas ou morriam antes de atingir a vida adulta. (Ramos, 2015). Com os jesuítas que foram os protagonistas da educação escolar no Brasil desde 1549, a educação foi usada como instrumento de catequização, especialmente das crianças indígenas, impondo valores europeus e cristãos.

Entre os séculos XVI e XIX, a assistência à infância era guiada pela caridade cristã, sem compromisso com mudanças sociais reais. Instituições como as Santas Casas de Misericórdia e a Roda dos Expostos acolhiam crianças abandonadas, mas com estrutura limitada e foco apenas na ajuda imediata. A partir do século XVIII, surgiram os Recolhimentos, destinados a

¹ Mestre pela Universidade Federal do Acre- Programa de Ensino de Humanidades e Linguagens -PPEHL E-mail: antonio.cleonaldo@sou.ufac.br

² Doutora em Educação pela Universidade Federal Fluminense. Professora da Universidade Federal do Acre- Campus Floresta. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2572-414X> E-mail: maria.irinil@ufac.br



V Seminário Internacional de História e Educação

Formação Docente, Currículo e
Desigualdades em Perspectiva Histórica.

meninas pobres, onde eram educadas sob rígida disciplina, com foco na preparação para o casamento. O tempo era rigorosamente controlado, e a vida era marcada pela obediência e pelo isolamento. Como destaca Foucault (1995), essas instituições visavam formar corpos dóceis e submissos às regras da sociedade.

Ao longo do tempo, mesmo com mudanças nas estruturas de acolhimento, o abandono infantil continuou sendo um problema invisibilizado. As iniciativas de cuidado quase sempre partiram de ordens religiosas ou filantropia privada, enquanto o Estado se manteve ausente por muito tempo. Como lembra Roberto da Silva (1997), a infância pobre e desamparada foi historicamente desprezada. Por isso, é dever do Estado e da sociedade civil garantir os direitos das crianças e adolescentes, rompendo com esse passado de abandono e exclusão.

Esta pesquisa é parte uma dissertação de mestrado que investigou as concepções de ensino nas instituições de assistência a infância em Cruzeiro do Sul-Ac. A instituição escolhida neste estudo foi a Fundação Assistencial e Educacional Betel. A problemática da pesquisa foi assim definida: como é a rotina da instituição de assistência a infância na Fundação Assistencial e Educacional Betel, criada no município de Cruzeiro do Sul, estado do Acre no ano de 2004. E como objetivo, procurou-se analisar como estava organizada a rotina de assistência a infância na Fundação Assistencial e Educacional Betel.

Como aporte, utilizamos Irene Rizzini (2004), Marcílio (2019), Rizzini; Pilotti (2011); Ramos (2015) e outros. Esses autores contribuíram para mostrar a importância e o papel desenvolvido pelas casas de assistência a infância no Brasil e ainda, como o ensino fez e ainda faz parte das instituições de assistência a infância.

O artigo está organizado em três seções. A primeira seção é a “Metodologia”, onde mostramos os caminhos percorridos para alcançarmos os resultados do trabalho; a segunda seção, intitulada “Assistência a infância no Brasil”, discorre sobre os percursos históricos das instituições de assistência; a terceira, apresenta os resultados e discussões da pesquisa.

METODOLOGIA

Para Gil (2002) a pesquisa é um procedimento racional e sistemático, que tem por objetivo proporcionar respostas a um determinado problema. A pesquisa é feita quando não há informação suficiente sobre um tema e com a investigação, o pesquisador busca solucionar



V Seminário Internacional de História e Educação

Formação Docente, Currículo e
Desigualdades em Perspectiva Histórica.

questões da realidade de maneira empírica. Nessa perspectiva, uma das abordagens que pode ser usada na realização de uma pesquisa científica é a qualitativa. Este tipo de pesquisa, busca compreender significados, motivações e contextos, em oposição à simples quantificação de informações.

Diante dos vários procedimentos técnicos que é possível utilizar na abordagem qualitativa, optamos pela pesquisa bibliográfica, documental e de campo. Como primeira etapa, realizamos uma pesquisa bibliográfica, pois este procedimento se adapta ao nosso problema e aos objetivos a serem estudados. Visa ler e conhecer os diversos trabalhos relacionados ao tema, assim sendo, para Fonseca (2002, p. 32),

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto.

Seguindo para a próxima etapa da pesquisa, desenvolvemos a pesquisa documental. Para a efetivação deste procedimento, fomos a instituição selecionada para coletar a fonte, ou seja, o Projeto Político Pedagógico. A escolha desse documento levou em consideração a quantidade de informação contidas nele, de modo que nos possibilitasse conhecer a história da instituição pesquisada, compreendendo seus objetivos, suas ações e seus meios para a concretização das metas de atendimento assistencial.

Outro procedimento técnico que utilizamos foi a pesquisa de campo, na qual fizemos a coleta de dados por meio da aplicação de entrevista semiestruturada. Lakatos; Marconi (2007) elucidam que a pesquisa de campo é realizada com o objetivo de buscar informações sobre um problema, por isso se volta ao estudo de indivíduos, grupos, comunidades, instituições e outros campos, visando à compreensão dos vários aspectos da sociedade. Gil (2002) pontua que a pesquisa de campo procura um aprofundamento numa realidade mais específica.

Em campo, no primeiro contato, conversamos com os responsáveis pela instituição, explicamos sobre a pesquisa: seus objetivos e aspectos positivos. Os sujeitos da pesquisa foram localizados por meio do quadro de funcionários que trabalham na instituição, e a interna foi indicada pela coordenadora pedagógica. Após a explicação sobre a finalidade do estudo, os sujeitos ficavam livres para decidirem se aceitavam ou não participarem por meio da entrevista.



V Seminário Internacional de História e Educação

Formação Docente, Currículo e
Desigualdades em Perspectiva Histórica.

Caminhando para a parte de análise e interpretação dos dados obtidos, Andrade (2018) diz que, “a análise e interpretação constituem dois processos distintos, mas inter-relacionados. Esses processos variam significativamente, de acordo com o tipo de pesquisa” (p. 139). Isto posto, no que se refere aos dados das entrevistas, estes foram analisados e interpretados por meio da análise de conteúdo. De acordo com Bardin (2016, p. 48) este procedimento é:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição de conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis indeferidas) destas mensagens.

Na análise de conteúdo, buscamos interpretar não apenas o que foi falado na entrevista, mas o não dito também, como os gestos e as emoções dos sujeitos, observando se o entrevistado falou de uma forma triste ou se demonstrou alegria ao falar do tema. Por meio dessa técnica, obtivemos valiosas interpretações, de forma que o objetivo proposto, foi alcançado.

ASSISTÊNCIA A INFÂNCIA NO BRASIL

A história da assistência à infância no Brasil está ligada intimamente com a história do “descobrimento” do Brasil, no ano de 1500. Com a chegada dos portugueses e o início do processo de colonização no ano de 1530, homens e mulheres se colocaram à disposição para desbravar esse “Novo Mundo”. O historiador Ramos (2015) nos diz que as crianças também estiveram presentes nessa aventura marítima, “as crianças subiam a bordo somente na condição de grumetes ou pajens, como órfãs do Rei enviadas ao Brasil para se casarem com os súditos da Coroa, ou como passageiros embarcados em companhia dos pais ou de algum parente” (Ramos, 2015, p.19).

Essas crianças viajavam em situações degradantes e durante o percurso da viagem sofriam todos os tipos de abusos sexuais e violentos, até mesmo as que estavam acompanhadas dos pais sofriam abusos sexuais e eram violentadas pelos marujos. Devido as condições adversas da viagem, muitas dessas crianças não conseguiam chegar vivas ao Brasil. As órfãs eram guardadas cuidadosamente para manter-se virgens, até que chegassem à Colônia. Quando por sua vez, os navios eram atacados, os homens pobres eram assassinados, os ricos e poderosos



V Seminário Internacional de História e Educação

Formação Docente, Currículo e
Desigualdades em Perspectiva Histórica.

eram presos e mantidos como reféns em troca de resgates e as crianças eram levadas para trabalharem como escravas, sendo estas prostituídas e exauridas até a morte (Ramos, 2015).

Este é um pequeno resumo do início da história de vida dessas crianças ao viajarem para esse “Novo Mundo”. Uma história contada nas entrelinhas da época, uma história de dor e conflito entre o mundo adulto e o universo infantil³. Foi assim que foram transportadas de Portugal para o Brasil, milhares de crianças, que precisaram superar os mais diversos obstáculos, lutar as mais difíceis batalhas pela chance de sobreviver.

Marcílio (2019) elucida que do período do Brasil Colônia até meados do século XIX, em relação a assistência a infância, prevaleceu a fase caritativa. O assistencialismo nesse período tinha como marca principal o vínculo de solidariedade entre as pessoas, um sentimento que não buscava mudanças sociais, leis ou campanhas que realmente pudessem mudar a vida dos assistidos.

Inspirado nos princípios da caridade cristã, o assistencialismo é dado por instituições religiosas, políticas ou civis. É uma prática social com o objetivo de minimizar um problema sofrido por determinados indivíduos na sociedade (Boschi, 1984). A atuação do assistencialismo se caracteriza por sua função imediata, não pensada a longo prazo. Nesse tipo de prática, pessoas das camadas mais ricas da sociedade, procuram diminuir o sofrimento dos desvalidos por meio de esmolas, e com isso esperam receber a salvação de suas almas. E assim, na terra serem conhecidos como beneméritos (Marcílio, 2019).

A existência de pessoas pobres e com necessidades de assistência, não é algo novo ou recente, ao contrário, esses carecimentos sempre existiram na história, mas vem se ampliando com o grande aumento populacional e com a pobreza generalizada pelo mundo.

No ano de 1549, chegaram ao Brasil os Jesuítas, uma ordem religiosa que veio com o objetivo de “civilizar” os índios nos moldes do Cristianismo. O historiador Chambouleryon (2015) afirma que além da conversão do gentio de um modo geral, o ensino das crianças era uma das principais preocupações dos jesuítas, pois, era uma forma de catequização mais eficaz.

³ “A ideia de infância [...] não existiu sempre, e nem da mesma maneira. Ao contrário, ela aparece com a sociedade capitalista, urbano-industrial, na medida em que mudam a inserção e o papel social da criança na comunidade. Se, na sociedade feudal, a criança exercia um papel produtivo direto de adulto assim que ultrapassava o período de alta mortalidade, na sociedade burguesa ela passa a ser alguém que precisa ser cuidada, escolarizada e preparada para uma atuação futura. Este conceito de infância é, pois, determinado historicamente pela modificação das formas de organização da sociedade” (Kramer, 1995, p. 19).



V Seminário Internacional de História e Educação

Formação Docente, Currículo e
Desigualdades em Perspectiva Histórica.

De acordo com Rizzini e Pilotti (2011, p. 17) “ao cuidar das crianças índias, os jesuítas visavam tirá-las do paganismo e discipliná-las, inculcando-lhes normas e costumes cristãos, como o casamento monogâmico, a confissão dos pecados, o medo do inferno”.

Desde o período colonial, havia uma divisão entre crianças brancas e negras, pobres e ricas. Nesse contexto histórico foi dado início ao atendimento caritativo as crianças pobres que sofriam com as desigualdades sociais. Os filhos de escravos seguiam para o trabalho e as crianças brancas e filhas dos patrões, recebiam instrução, a partir dos 6 anos de idade, pelos padres jesuítas. Nesse período, foram criadas as Santas Casas de Misericórdias, como a de Santos no ano de 1543, a de Salvador, em 1549, entre outras. As Santas Casas de Misericórdia acolhiam crianças, mulheres e idosos abandonados, funcionando como uma espécie de hospital asilo. Durante os séculos XIX e XX foram fundadas diversas destas instituições pelo Brasil. Elas foram a base para a fundação da Roda dos Expostos (Guimarães, 2017).

No Brasil, a Igreja adotou o mesmo modelo usado na Europa Medieval, das Rodas dos Expostos, onde se criavam casas de acolhimento para crianças abandonadas. Entretanto, antes da abertura da Roda dos Expostos, as Câmaras Municipais eram as responsáveis por prover assistências aos bebês abandonados. “Esses dois sistemas de acolhimento recorriam às amas de leite ou às mães mercenárias para cuidar e alimentar os enjeitados. Infelizmente, ambas as formas não deram conta de atender o número elevado de crianças abandonadas” (Grotti; Bezerra, 2019, p. 30).

No século XIX, com a influência da filosofia das luzes, do utilitarismo e da medicina higienista, sobre o ideário da Revolução Francesa, as novas formas de exercer a filantropia foram diminuindo drasticamente. As casas de misericórdias sentiram dificuldades em continuar o trabalho, tendo em vista que os recursos eram bem abaixo do necessário para subsidiar a filantropia.

Diante dessa situação, digamos que desastrosa, a que chegou à assistência institucionalizada aos expostos, as autoridades eclesiais e civis manifestaram grande preocupação. Contudo, a Igreja encontrou uma solução para tirar suas obras de caridade - Santas Casas, Hospitais, Recolhimento para meninas pobres, Roda dos Expostos - do caos financeiro e administrativo em que se encontravam. A pedido do Bispo de Mariana (MG), D. Viçoso, no ano de 1848, chegavam de Paris algumas Filhas da Caridade, para que tomassem conta da



V Seminário Internacional de História e Educação

Formação Docente, Currículo e
Desigualdades em Perspectiva Histórica.

educação das meninas expostas. O sucesso dessa solução animou outras províncias e diversos bispos aderiram a mesma iniciativa. Nisso, vieram religiosas das mais diversas ordens católicas para dirigirem colégios, hospitais, Santas Casas e, fundaram obras de assistências, como abrigos para idosos, creches e asilos para crianças (Marcílio, 2019).

Marcílio (2019) aponta que por volta da metade do século XIX, inspirado na Europa liberal, que defendia um progresso contínuo na ordem e na ciência, começou uma forte campanha para a abolição da Roda dos Expostos. Essa ideia defendia que a roda era imoral e contra os interesses do Estado. Em primeiro lugar, a prática de abandonar crianças em rodas dos expostos passou a ser vista como um ato de negligência e insensibilidade para com a vida humana, especialmente a vida das crianças recém-nascidas. Além disso, a ação de abandonar os recém-nascidos era vista como uma forma de transferir a responsabilidade dos pais para o Estado, o que ia contra os interesses do Estado em promover a estabilidade familiar e social.

Outro sistema assistencial de acolhimento a crianças abandonadas foi o Recolhimento destinado ao amparo e proteção de meninas pobres. Um rico comerciante João de Matos de Aguiar, deixou em seu testamento uma quantidade considerável de dinheiro para que fosse criado o Recolhimento, onde além da proteção, oferecesse para as meninas pobres um treinamento profissional e lhe desse algum dote, propiciando-lhes, assim, um destino, por meio do casamento (Marcílio, 2019).

Por volta do ano 1708, deu início a primeira construção da Casa das Recolhidas, e só foi concluída no ano de 1739. Inicialmente era destinada a abrigar donzelas de famílias luso-brasileiras, no entanto, a administração do local ficou a cargo da Mesa da Santa Casa, que mandou buscar a cópia autêntica do regimento das Recolhidas da Santa Casa de Lisboa. “Pressionada pela realidade, a Mesa acabou admitindo no Recolhimento, meninas que vinham sendo criadas na Casa dos Expostos, tornando-se uma continuação da instituição da Roda dos Expostos, para o sexo feminino” (Marcílio, 2019, p. 188).

Em relação ao termo recolhimento, podemos encontrar importantes contribuições em Marcílio (2019, p. 188), quando afirma que:

O termo *recolhimento* era usado para identificar instituições femininas de reclusão, erguidas com fins devocionais, caritativos ou educacionais. Os recolhimentos foram criados para resguardar a honra e a virtude da mulher os da Misericórdia, em



V Seminário Internacional de História e Educação

Formação Docente, Currículo e
Desigualdades em Perspectiva Histórica.

particular, protegiam a honra e a virtude da mulher pobre e desamparada (grifos da autora).

Nas instituições de recolhimento, as meninas eram educadas e preparadas para o casamento e para manterem uma vida de virtudes. Seu tempo era dividido em cuidados espirituais e aprendizado doméstico, como: cozinhar, fazer rendas. Tarefas essas necessárias para o desempenho de uma boa esposa e mãe, e uma mulher honesta. As recolhidas não podiam ficar na ociosidade, por isso, seu tempo dentro dos recolhimentos eram regrados de tarefas.

A Roda dos Expostos, amparava as crianças expostas nos seus primeiros sete anos de vida. Após essa idade, as meninas que não haviam encontrado uma família que as acolhessem, eram transferidas para as casas de recolhimentos a espera de um casamento ou de alguma família. Porém, nem todas eram transferidas, algumas saíam da roda e ficavam vagando pelas ruas da cidade.

A vida nas instituições de acolhimentos femininos era regida por regras e disciplina. As internas tinham pouco contato com o mundo exterior, pois o modelo de vida claustal que elas seguiam, as impedia de terem esse contato. A vida sexual das internas era duramente controlada, como um meio de proteção, para manter sua virgindade até o casamento. “O estilo de vida nos recolhimentos era totalmente conventual, expresso nas práticas religiosas, na simplicidade do vestir e no controle dos contatos com o mundo exterior” (Rizzini; Rizzini, 2004, p. 26).

Marcílio (2019) traz uma citação do tratado de regras da comunidade, que diz: “as expostas levantar-se-ão às 5 horas da manhã e deitar-se-ão às 8 horas da noite, de 1º de outubro até 30 de março, e às 6 horas da manhã e 8 horas da noite, de 1º de abril a 30 de setembro” (p. 197). Este modelo de vida claustal era regado com muita disciplina e atividades, e organizado rigorosamente com trabalhos manuais, espirituais, recreios e refeições. Visava não deixar as internas na ociosidade. Na direção desta reflexão, Foucault (1995, p. 114), aponta que as instituições de internatos visavam:

[...] formar indivíduos submissos [...]. Quanto aos instrumentos utilizados [...] são formas de coerção, esquemas de limitação aplicados e repetidos [...] horários, distribuição do tempo, movimentos obrigatórios, trabalho em comum, silêncio, aplicação, respeito, bons hábitos. O que se procura reconstruir nessa técnica de correção não é o sujeito de direito [...] é o sujeito obediente, o indivíduo sujeito a hábitos, regras, ordens [...].



V Seminário Internacional de História e Educação

Formação Docente, Currículo e
Desigualdades em Perspectiva Histórica.

O controle do tempo visava a autodisciplina do corpo, tornando os sujeitos obedientes e disciplinados. A partir do momento que uma exposta entrava na casa de Recolhimento, ela ficava sujeita as regras da instituição seguindo todas as condutas de forma disciplinada e obediente. As instituições buscavam formar sujeitos que obedecessem a ordem, seguissem regras, formando assim, nas palavras de Foucault, corpos dóceis.

Enfim, podemos refletir que o abandono de crianças no Brasil foi um problema que por muitos anos ficou a margem da sociedade, de forma que a assistência a essa camada da população, era negligenciada. Como diz Roberto da Silva (1997, p. 190) “o tratamento dado à criança brasileira faz parte da nossa grande dívida social e, dentre elas, os órfãos e os abandonados sempre foram os mais desprezados e injustiçados”. Cabe, então ao Estado e a sociedade civil garantir que os direitos das crianças e adolescentes não sejam violados, como outrora fora.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A Fundação Assistencial e Educacional Betel, *locus* do estudo, está localizada no bairro Aeroporto Velho, no município de Cruzeiro do Sul/Acre. Participaram da pesquisa, a coordenadora pedagógica e uma interna. A interna foi selecionada para a entrevista pela coordenadora pedagógica, por ser uma das que apresentava menos timidez para responder as perguntas.

A partir dos dados coletados, definimos duas categorias de estudo: a rotina e planejamento da instituição e a forma de disciplinar os acolhidos⁴. A instituição Betel é uma entidade de utilidade pública, não governamental e sem fins lucrativos. Oferece serviços de acolhimento provisório para crianças e adolescentes que tenham sido afastadas do convívio familiar por meio de medidas protetivas, em situação de abandono, negligência, maus tratos e violência sexual. A instituição atende os municípios da regional do Juruá: Tarauacá, Feijó, Mâncio Lima, Rodrigues Alves, Porto Walter e Marechal Thaumaturgo, no Estado do Acre e os municípios de Guajará e Ipixuna no Amazonas. A instituição oferece as crianças e adolescentes

⁴ Forma como os funcionários da instituição chamam seus internos.



V Seminário Internacional de História e Educação

Formação Docente, Currículo e
Desigualdades em Perspectiva Histórica.

acolhidas, diversas atividades na área da educação, esporte, lazer, cultura e atendimento psicossocial, médico, palestras e outras atividades.

Para as adolescentes são ofertadas terapias ocupacionais, esporte, lazer, cultura, cursos profissionalizantes, atendimento psicossocial, atendimento médico, palestras e encaminhamento ao mercado de trabalho através do programa menor aprendiz, entre outras atividades (Projeto Político Pedagógico/PPP, 2023). Ainda de acordo com o documento,

O público atendido pelo Serviço de Acolhimento Betel são crianças de 0 a 11 anos incompletos e adolescentes (feminino) de 12 a 18 anos, sob medida protetiva [...]. Nossos usuários, são na sua grande maioria, caracterizados por povos da floresta, ribeirinhos, afrodescendentes, indígenas, com baixo poder aquisitivo, onde a maioria das famílias não tem uma atividade econômica estável [...] (2023, p. 05).

De acordo com o PPP, a instituição não atende adolescentes masculino, e segundo a coordenadora, isso ocorre porque a Fundação Betel não dispõe de estrutura para recebê-los, porém há um projeto em andamento para a construção de um pavilhão destinado aos meninos de 12 a 18 anos. O documento mostra ainda, que a maioria dos acolhidos são de família de baixa renda. A instituição dispõe de veículos para atender as demandas do serviço de assistência oferecido, além de ambientes como, laboratório de informática, sala de música, sala de costura, biblioteca, salas para cursos e oficinas de corte e costura e artesanatos.

Em relação a primeira categoria, rotina e planejamento da instituição, foi perguntado aos entrevistados como é a rotina da instituição para os acolhidos, destacando aspectos como: o que fazem durante o tempo que permanecem na instituição e que horas devem acordar aqueles que residem no local.

Observamos na fala da coordenadora, que a instituição segue uma rotina fechada, com atividades pré-definidas. A entrevistada destaca que:

Os acolhidos têm horário para acordar. Os que vão para a escola, 5:30 já têm que estar acordados para tomar banho, tomar café. 6:30 o motorista leva para a escola, tem uma van da instituição, são várias escolas diferentes que o motorista deixa as crianças. 11:00 o motorista já começa a buscar as crianças, do ensino infantil até o ensino médio. Os que ficam na instituição e estudam a tarde, 7h acordam, tomam banho, se arrumam e vão para o refeitório tomar café. Depois do café, as adolescentes ajudam na rotina da casa delas mesmo, arrumam a cama delas e lavam a própria roupa. As crianças, tomam café, logo após vão brincar, e depois os que estudam vão para a biblioteca fazer as atividades escolares, acompanhados por mim ou pela minha



V Seminário Internacional de História e Educação

Formação Docente, Currículo e
Desigualdades em Perspectiva Histórica.

assistente. Quando eu estou eu a ajudo, quando não estou ela assume a parte pedagógica. 11:30 as que vão para a escola pela parte da tarde almoçam, quando é 12h tomam banho e se arrumam. 12:30 o motorista leva para a escola. E a tarde atendemos as que estudam pela parte da manhã (CP, 2023).

Destacamos na fala, que os acolhidos seguem uma rotina fixa, com os horários das atividades definidos. A definição de horários para atividades como estudo, alimentação, brincadeiras, momentos de descanso e sono, permite que as crianças e adolescentes tenham uma estruturação do dia-a-dia, proporcionando um senso de previsibilidade e segurança. Isso pode ajudá-los a se sentirem mais estáveis emocionalmente e a lidarem melhor com as mudanças e imprevistos.

Os que estudam de manhã, acordam cedo para tomarem banho, café da manhã e em seguida irem para a aula, que é fora da Fundação Assistencial e Educacional Betel. Os que permanecem na instituição, acordam mais tarde, tomam o café e logo após, ajudam nas atividades domésticas do pavilhão onde estão alojados. Na rotina dos acolhidos estão inclusos ainda horários para estudar e brincar.

Marcílio (2019, p. 197) fala que a rotina nas instituições de internato no século XIX era regulada de forma rigorosa “as expostas levantar-se-ão às 5 horas da manhã e deitar-se-ão às 8 horas da noite [...]. O dia organizava-se rigorosamente, em horários: consagração quatro horas ao estudo e outras tantas ao trabalho manual, alteradas pela refeição e recreio [...]”. Observamos que a citação da autora, vai ao encontro da fala da entrevistada CP, de modo que fica evidente que os internos e acolhidos têm uma rotina cuidadosamente planejada nas instituições de assistência.

No contexto escolar, a definição de horários para estudo e outras tarefas, pode favorecer o desempenho escolar, pois proporciona momentos dedicados à concentração e ao aprendizado, ajudando os estudantes a se organizarem melhor em relação às demandas cotidianas.

Ao longo da história, o trabalho com o atendimento a infância, tem sido permeado pela preocupação com o ócio e a necessidade de impor rotinas rígidas. Acredita-se que a ociosidade pode levar a comportamentos indesejados ou até mesmo perigosos. Nesse sentido, estabelecer uma rotina de trabalho para as crianças era visto como uma forma de mantê-las ocupadas e afastadas desses riscos. As crianças e adolescentes são seres em desenvolvimento, que possuem necessidades específicas de crescimento, aprendizado e brincadeiras. Os limites impostos a uma



V Seminário Internacional de História e Educação

Formação Docente, Currículo e
Desigualdades em Perspectiva Histórica.

criança devem estar de acordo com a sua idade e sua fase de desenvolvimento, pois, tudo em excesso é perigoso para a formação do sujeito.

No que diz respeito ao planejamento institucional, foi perguntado como é feito o planejamento da rotina na instituição e a coordenadora, respondeu que semanalmente, é realizado o planejamento de todas as atividades e compromissos, com tudo o que está previsto e programado para acontecer na semana. Após planejada, a rotina da semana é repassada para os educadores se organizarem e realizarem o que está na rotina. Tendo em vista que o trabalho é realizado com crianças e adolescentes em faixa etárias diferentes, o planejamento é flexível, adaptando-o de acordo com as necessidades do momento.

Em relação as formas de disciplinar os acolhidos, segunda categoria de análise, na Fundação Assistencial e Educacional Betel, a acolhida da Fundação, relata que “tem regras e tem que obedecer”. Como em todo lugar, há regras e essas são feitas para serem seguidas. Sobre essa questão, a entrevistada não nos falou se existe consequências para quem descumprir as regras. Ou seja, como uma instituição social, a Fundação Betel também estabelece regras que seus acolhidos devem seguir. Nessa direção, Foucault (1995, p. 118) elucida que as instituições de internamento visam “formar indivíduos submissos”. O autor argumenta que o poder se exerce através de mecanismos de controle e disciplina para moldar indivíduos obedientes às normas sociais estabelecidas. Embora o autor critique as normas impostas pelas instituições, que ele denomina de disciplinares, acreditamos que não é possível existir sociedade sem regras, e estas regras são fundamentais para manter o controle e a ordem, num convívio harmônico entre os sujeitos.

Contudo, observamos que a Fundação Assistencial e Educacional Betel adota uma rotina mais fechada e rigorosamente planejada para seus acolhidos, com horários definidos para atividades diárias, estudo, trabalho doméstico e lazer. Essa abordagem reflete uma preocupação histórica em manter as crianças ocupadas e disciplinadas. É importante considerar as necessidades individuais das crianças em seu desenvolvimento, aprendizado e brincadeiras, além de promover um ambiente acolhedor e respeitoso na instituição. E percebemos que a instituição preza por todos esses aspectos que visam o desenvolvimento moral, ético e cognitivo de seus acolhidos. A imposição de regras também faz parte do funcionamento da instituição, visando a disciplina e obediência dos acolhidos. Por isso, é necessário que haja um equilíbrio



V Seminário Internacional de História e Educação

Formação Docente, Currículo e
Desigualdades em Perspectiva Histórica.

entre a imposição de normas e a promoção do bem-estar emocional e psicológico das crianças e adolescentes acolhidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória da assistência à infância no Brasil, desde a colonização, foi marcada por negligência, abusos e desigualdade. Crianças eram trazidas para o país, em condições degradantes, muitas vezes violentadas e, quando sobreviviam, eram acolhidas por instituições que seguiam modelos assistencialistas e caritativos, sem compromisso com transformações sociais profundas. As Santas Casas, a Roda dos Expostos e os Recolhimentos foram formas de acolhimento que impunham rígida disciplina, especialmente às meninas, preparadas para o casamento e para uma vida de obediência.

Ao longo dos séculos, o Estado transferiu para a Igreja e instituições privadas a responsabilidade por essas crianças. Com o tempo, esse modelo foi sendo questionado, principalmente pela sua incapacidade de oferecer proteção real e dignidade às crianças abandonadas. Cabe ao Estado e à sociedade garantir que essa história de abandono e exclusão não se repita, assegurando os direitos das crianças e adolescentes.

A análise das categorias rotina e planejamento da instituição e a forma de disciplinar os acolhidos adotados pela Fundação Assistencial e Educacional Betel evidencia a existência de uma instituição comprometida com a organização, proteção e desenvolvimento integral de seus acolhidos. A rotina rigorosamente planejada, com horários definidos para estudo, lazer, cuidados pessoais e tarefas domésticas, oferece estrutura e segurança emocional às crianças e adolescentes, o que é essencial em contextos de acolhimento. Tal organização reflete uma prática historicamente presente nas instituições de assistência à infância, como aponta Marcílio (2019), reforçando a ideia de que manter os acolhidos ocupados é uma forma de prevenir o ócio e promover o bom comportamento.

O planejamento flexível, realizado semanalmente, demonstra também uma tentativa da instituição de respeitar as diferentes faixas etárias e necessidades individuais, buscando adaptar a rotina de forma sensível ao contexto de cada acolhido. No que diz respeito à disciplina, observa-se a presença de regras de disciplina e comportamento bem definidos, ainda que não tenham sido mencionadas sanções diretas. A existência de normas é compreendida como parte



V Seminário Internacional de História e Educação

Formação Docente, Currículo e
Desigualdades em Perspectiva Histórica.

necessária da convivência coletiva, promovendo limites e organização, conforme também abordado por Foucault (1995), mesmo que seu olhar seja mais crítico em relação às práticas disciplinares institucionais.

Assim, conclui-se que a Fundação Betel realiza seu trabalho com base em uma rotina estruturada e disciplinada, mas também voltada ao cuidado, à formação e ao desenvolvimento humano. O desafio está em manter o equilíbrio entre disciplina e acolhimento, garantindo que o respeito aos direitos, às emoções e às singularidades de cada criança e adolescente, esteja sempre em primeiro lugar.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria. Margarida de. **Introdução à Metodologia do Trabalho Científico:** elaboração de trabalhos na graduação. 10. ed. São Paulo: Atlas, 2018.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** Tradução de Luiz Antero Reto e Augusto Pinheiro. 1. ed. São Paulo: Edições 70, 2016.

BOSCHI, Caio César. O Assistencialismo na Capitania do Ouro. **Revista de História**, São Paulo, n. 116, p. 25–41, 1984. DOI: 10.11606/issn.2316-9141.v0i116p25-41. Disponível em: <https://revistas.usp.br/revhistoria/article/view/61358>. Acesso em: 14 de dez de 2020.

CHAMBOULEYRON, Rafael. Jesuítas e as crianças no Brasil quinhentista. In: PRIORE, Mary del (Org.). **História das crianças no Brasil.** 7. ed. São Paulo: Contexto, 2015. p. 55-83.

FONSECA, João José Saraiva da. **Metodologia da pesquisa científica.** Fortaleza: UEC, 2002.

FOUCAULT Michel. **Vigiar e punir.** 12 ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GROTTI, Giane Lucélia; BEZERRA, Maria Irinilda da Silva Bezerra. Assistência à infância: história de uma educação moralizante e higienista. **Reflexão e Ação.** Santa Cruz do Sul, v. 27, n. 3, p. 182-201, Set./Dez. 2019.

GUIMARÃES, Célia Maria. A história da atenção à criança e da infância no Brasil e o surgimento da creche e da pré-escola. **Revista Linhas.** Florianópolis, v. 18, n. 38, p. 80-142, set./dez. 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5965/1984723818382017081>. Acesso em: 01 de junho de 2023.



V Seminário Internacional de História e Educação

Formação Docente, Currículo e
Desigualdades em Perspectiva Histórica.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos da metodologia científica**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2001.

MARCÍLIO, Maria Luiza. **História social da criança abandonada**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2019.

RAMOS, Fábio Pestana. A história trágico-marítima das crianças nas embarcações portuguesas do século XVI. *In*: PRIORE, Mary del (Org.). **História das crianças no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2015. p. 19-54.

RIZZINI, Irene; PILOTTI, Francisco. **A arte de governar crianças**: a história das políticas sociais, da legislação e da assistência à infância no Brasil. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

RIZZINI, Irene. RIZZINI, Irma. **A institucionalização de crianças no Brasil**: percurso histórico e desafios do presente. São Paulo: Loyola, 2004.

Fontes:

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO. Fundação Assistencial e Educacional Betel. Cruzeiro do Sul, 2023.